



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, geração e classes sociais**

**Sub-eixo: Adolescência**

## **O DEBATE DE GERAÇÕES POR MEIO DA CRÍTICA A ECONOMIA POLÍTICA: CONTRIBUIÇÕES PARA O SERVIÇO SOCIAL**

**HINGRIDY FASSARELLA CALIARI<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

O presente ensaio resgata os fundamentos da teoria das gerações, a partir de Karl Mannheim e o analisa a partir da crítica da economia política, ressaltando o avanço conservador e o aprofundamento da miséria da razão que embebe a forma e o conteúdo dessa teoria muito utilizada ainda hoje nas ciências sociais aplicadas.

**Palavras-chave:** Geração, Infâncias, Adolescências, Juventudes, Envelhecimentos

### **ABSTRACT**

This essay recovers the foundations of the theory of generations, starting with Karl Mannheim, and analyses it from the point of view of the critique of political economy, highlighting the neoconservative advance and the deepening of the misery of reason that soaks the form and content of this theory that is still widely used today in the applied social sciences.

**Keywords:** Generation, Childhood, Adolescence, Youth, Ageing

### **Apresentação**

O presente texto é resultado de acúmulo e de inquietações realizadas a partir de exercício coletivo reflexivo realizadas no conjunto das atividades requeridas ao projeto de pesquisa universal intitulado *Serviço Social, Geração e Classes Sociais: Produção do Conhecimento, Formação e Trabalho Profissional na perspectiva da Garantia de direitos para Infâncias, adolescências, juventudes e velhices*, assim como do GTP Serviço social, Geração e Classe Social da ABEPSS, aliado a aprofundamentos anteriores possibilitados por meio de

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

pesquisa doutoral apresentada ao programa de pós graduação em Políticas Públicas e Formação Humana, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

## Desenvolvimento

Para introduzirmos uma análise à teoria das gerações, detalhada por Karl Mannheim, tendo como sustentáculo teórico a crítica da economia política, é necessário ir até suas raízes, fundamentos, mas deixando em evidência que ao pensar uma teoria criada em um outro continente, mesmo tendo indicativos de se considerar o tempo e espaço ao fazer as análises sobre as gerações, por si só, aspectos fundamentais que envolvem a realidade brasileira e os contornos constitutivos das sociedades, não podem ser somente pontuados. Ou seja, não são somente questões de opção epistemológica, que podem ou não aparecer nas análises, mas pelo contrário, são fundamentos da análise da sociedade, aí está talvez a grande chave para os questionamentos aqui suscitados: partir da gnosiologia, ou seja, de um conhecer em detrimento do ser, é uma inversão metodológica que tem custado muito aos estudos sobre as idades. Mas isso veremos aos poucos, desmembrando a própria teoria da geração.

Mas antes de entrar nesse tema especificamente das gerações, deixamos em evidência porque pesquisar os fundamentos de uma teoria tão disseminada entre as ciências contemporâneas é importante para o serviço social brasileiro, que hegemonicamente contra todas as formas de opressão e na defesa da emancipação humana. Esse interesse tem relação com a identificação de possíveis desvios teóricos, caracterizados como ecletismo, ou mesmo falta de rigor conceitual. Segundo Rui Mauro Marini (2017) ao tratar das produções de conhecimento na América Latina que se colocam para pensar a realidade a partir da teoria crítica marxista, ou seja, que se pretendem como avanços no campo da teoria crítica, acabam por realizar alguns desvios, entre eles um tem relação com que estamos tratando, ou seja, a

[...] dificuldade de adequar a uma realidade categorias que não foram desenhadas especificamente para ela, os estudiosos de formação marxista recorrem simultaneamente a outros enfoques metodológicos e teóricos; a consequência necessária desse procedimento é o ecletismo, a falta de rigor conceitual e metodológico e um pretense enriquecimento do marxismo, que é na realidade sua negação. (2017, p. 325)

Ao tratar especificamente desse desvio teórico, que segundo Marini (2017) é comum nas ciências sociais aplicadas, levando em consideração os estudos sobre infâncias, adolescências, juventudes e envelhecimentos no serviço social, segundo o relatório do biênio 2016-2018, do Grupo de Trabalho e Pesquisa (GTP) Serviço Social, Geração e Classes Sociais da Associação



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social- ABEPSS, a maior parte da produção teórica do serviço social tem referências com outras áreas (Educação, Psicologia e etc.) e grande parte dos referenciais teóricos das outras profissões é de origem estrangeira, com base pós-moderna, liberal social, positivista, dentre outras” (2018, p. 265 ).

Portanto, saber o chão teórico que estamos pisando nos dá mobilidade para avançar, questionar, ou reproduzir, mas a partir da consciência e do entendimento sobre o que estamos tratando, superando assim um movimento de enfiamento de destruição da razão presente também no campo dos estudos referentes a diversidade das idades (SCHERER et al, 2021; CALIARI, 2023, 2019). Esse é o pressuposto do diálogo que pretendemos iniciar aqui. Ou seja, entender sobre os fundamentos, para compreender se o conceito de gerações da forma como é tratado é passível de ser suporte crítico suficiente para as análises do serviços social brasileiro, se ela realmente contribui para a aproximação máxima à totalidade pesquisada .

Agora sim, depois de identificados os motivos para tal questionamento e críticas necessárias, podemos adentrar ao universo de produção da teoria das gerações, e para isso é necessário ir até os trabalhos reflexivos do sociólogo húngaro (1893-1947) que viveu em Budapeste, Viena, Heidelberg e Londres, chamado Karl Mannheim, para compreender como estavam sendo desenvolvidas as ideias ainda tão vivas na contemporaneidade e reproduzidas no território brasileiro, nas ciências sociais aplicadas e nas ciências humanas, com destaque para educação e a sociologia.

Karl Mannheim deixou o país natal semanas depois da derrota da Revolução Húngara, que pôs fim à efêmera República Soviética Húngara, em 1º de agosto de 1919, e alçou ao poder o almirante autoritário e antisemita Miklós Horthy, autodeclarado chefe de Estado. Conta Michael Löwy<sup>2</sup> que Mannheim primeiro exilou-se em Viena e, logo depois, na pequena cidade universitária Heidelberg, na Alemanha, onde permaneceu até 1935, quando recrudescer o caos e supressão de direitos promovido pelo governo nazista de Adolf Hitler. O sociólogo então exilou-se na Inglaterra, atuando até os seus últimos dias na London School of Economics, na qual era professor de sociologia da educação<sup>3</sup>.

No início da sua vida intelectual, ainda na Hungria, Mannheim teve contatos intensos com Lukács, de quem era colega. Junto com outros tantos estudiosos, formaram um grupo chamado

---

<sup>2</sup> Em LÖWY, M. *Karl Mannheim and Georg Lukács: the lost heritage of heretical historicism*. Disponível em: <<http://www.inco.hu/inco13/filo/cikk13h.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

<sup>3</sup> Parte das reflexões e dos textos aqui presentes estão inicialmente apresentados na Tese de Doutorado defendida em 2021 pelo Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana da Universidade Federal do Rio de Janeiro- UERJ, financiada pela CAPES e intitulada: Uma crítica ontológica aos Estudos das juventudes a partir de Georg Lukács.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

*Sunday Circle*, que se reunia todos os domingos, entre os anos 1915 e 1918, na casa do poeta e crítico de cinema Béla Balázs. Os encontros dominicais se tornaram um espaço de debates intelectuais e trocas de ideias. Naquele momento, Lukács sobressaía-se pelo amplo conhecimento literário, no entanto ainda se encontrando com a teoria marxiana. Com o tempo, algumas personalidades do *Sunday Circle* destacaram-se internacionalmente em diferentes campos do saber, como filosofia, sociologia, psicologia e história da arte (SARKOZI, 1986).

As preocupações que permeavam os estudos de Mannheim eram semelhantes às de Lukács, segundo afirma Löwy<sup>4</sup> sobre a relação dos dois. Mas, embora essa aproximação tenha influenciado as idéias de Mannheim, ele não tardou em se afastar do caminho que estava sendo percorrido por Lukács (SARKOZI, 1986). Em diversos textos, Lukács (2018a 2018b, 2020a) mostra incômodo quanto à forma como o conterrâneo desenvolvia seu pensamento, em especial no que dizia respeito ao método mannheimiano que ganhava cada vez mais destaque no campo da sociologia, qual seja, a sociologia do conhecimento e a centralidade na política e na manipulação, direcionamentos que embeberam os estudos mannheimianos também sobre geração.

Esse incômodo de Lukács com as produções de Mannheim, pode ser identificado também em István Meszáros (2009), outro conterrâneo de Mannheim, quando afirma que, ao desenvolver um método de orientação democrática de valores, a perspectiva mannheimiana dava como certa a ordem estabelecida, sem considerar a totalidade; o pior, ela já estava sendo aplicada nos países anglo-saxões. Para Meszáros (2009, p. 23),

[...] a substância cinicamente *manipuladora* dessa estratégia educacional 'científica' vem à tona quando ele [Mannheim] defende um tipo de esclarecimento para aqueles que estão destinados a desempenhar o papel de 'liderança competente', e um outro radicalmente diferente para o 'homem simples'.

Ou seja, uma manipulação evidente da educação numa perspectiva de reprodução do sistema e da ordem estabelecida, com o puro intuito de propagação da opressão de classe. Permeada por críticas diversas e mútuas, a relação entre Lukács e Mannheim restou, por fim, problemática. Isso porque, apesar das similaridades de que partiam os estudos de ambos, eles seguiram caminhos muito distintos. A preocupação inicial deles de compreender o conhecer, o fundamento do humano, o que liga os conhecimentos, as ciências, desembocou em chaves de pensamento opostas. Em Lukács, ganhou contornos filosóficos materialista históricos, contribuindo para produção da estética e da ontologia do ser social, no caminho do desenvolvimento de uma ética universal; em Mannheim, redundou na sociologia do

---

<sup>4</sup> Idem



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

conhecimento, que colocou a política como o centro de ligação, a categoria da qual parte o conhecer e os demais processos humanos. No livro *A destruição da Razão*, Lukács (2020) apresenta uma lista enorme dos autores que caracteriza como propagadores do irracionalismo alemão, como Friedrich Schelling, Arthur Schopenhauer e Søren Kierkegaard, Friedrich Nietzsche, Wilhelm Dilthey, Georg Simmel, Oswald Spengler, Max Scheler, Karl Jaspers, Martin Heidegger, Ernst Jünger e Ferdinand Tönnies, entre outros. Mannheim está lá no meio deles.

Em trabalho anterior, identificamos que foi partindo do entendimento de sustentar a práxis no sentido imediato que Mannheim, com base na sociologia do conhecimento, desenvolveu um método para as ciências sociais (CALIARI, 2018). Chamado método documentário de interpretação, ele é capaz de dar forma ao contexto pesquisado. Na nova ciência, o sociólogo húngaro considerava o pragmatismo, o behaviorismo e a psicologia profunda, chamando atenção para a afinidade entre o behaviorismo e a práxis fascista.

Após manobra burguesa que acarretou a derrota dos trabalhadores na Revolução de 1848 e a inauguração do sistema burguês capitalista no seio da primavera dos povos, a formação de seu aparato superestrutural teve na sociologia ocidental um suporte, que seguiu sendo a linha de uma teoria geral de manipulação social *consciente* das massas. De forma objetiva, isso contribuiu também para a consolidação do sistema capitalista e contribui ainda hoje a partir do suposto enterro da objetividade da verdade nas ciências sociais.

Sobre esse movimento identificado como decadência ideológica, ressalta Lukács (2012, p. 46; grifos meus): “Há tempos a *manipulação* deixou para trás o estágio das experiências e postulados, *hoje ela exerce seu domínio sobre toda a vida, da práxis econômica e política à ciência*”. Lukács lembra ainda a importância da produção do conhecimento e do posicionamento político inerente a ele: “Se a ciência não se orienta para o conhecimento mais adequado possível da realidade existente em si, então sua atividade se reduz, em última análise, a sustentar a práxis no sentido imediato” (LUKÁCS, 2012, p. 47).

No *Ensaio de sociologia e psicologia social* (1959), especialmente no capítulo sobre o pensamento conservador, Mannheim revelou que seu método de estudo atribuiu centralidade ao elemento político no condicionamento social do pensamento, que em outros tempos referia-se à religião. O autor foi além dizendo que não havia diferenças entre filosofia, política e literatura, por exemplo, requisitando uma vinculação visceral entre essas diferentes áreas, algo interessante de ser aprofundado se não fosse a conclusão da centralidade na política. Essa tese do sociólogo húngaro expõe uma face da manipulação nas ciências (CALIARI, 2023), na dimensão do discurso, contribuindo para reforçar o que Lukács chamou de decadência ideológica conforme



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

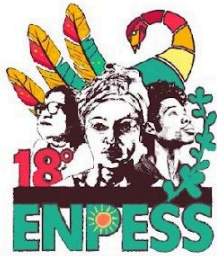
pode ser, em partes, identificado a seguir:

Nossa escolha tem a desvantagem, entretanto, de sugerir que *a ação política é sempre o centro em torno do qual se cristalizam os estilos de pensamento*. (...) na primeira metade do século XIX a política gradualmente se tornou o centro em torno do qual as diferenças (...) se desenvolveram. Em outros períodos a religião pode ter sido o agente cristalizador e o assunto só requer uma explicação mais longa para mostrar porque nesse período a política era tão decisiva na formação dos estilos de pensamento. Apesar disso, entretanto, seria errado delinear uma distinção nítida entre política e filosofia e considerar o pensamento político socialmente determinado, mas não a filosofia ou outros tipos de pensamento. Tais distinções entre filosofia, política, literatura etc. existem somente nos livros e não na vida real, já que, sendo dado que todas elas pertencem a um mesmo estilo de pensamento, devem todas imanar de um centro comum (MANNHEIM, 1959, p. 89; grifos meus).

Ao explicar a centralidade da política, o autor insiste que ela dissolve diferenças de outros campos construídos com base na sociabilidade e nas capacidades humanas, como a filosofia e a literatura. O sociólogo brasileiro Florestan Fernandes (1958) afirma que as análises manheimianas, apesar de inquestionável importância para a sociologia, possuem limites, especialmente quando a manipulação surge como técnica de mudança social, caminho para a produção de conhecimento que interfere na realidade de forma direcionada.

Embora suas análises padeçam de limitações evidentes e provavelmente inevitáveis, já que Mannheim insistiu antes nos requisitos e nos alvos ideais, inerentes à *manipulação racional da educação como técnica social*, no presente, negligenciando as questões relativas às *possibilidades concretas* de aproveitamento deliberado dessa técnica, como fator de mudança social provocada – parece que as novas preocupações exerceram duas influências criadoras na renovação de seu pensamento. Primeiro, elas forçaram-no a dar maior atenção à teoria da personalidade e a refletir de modo mais profundo sobre as relações da psicologia e da psicologia social com a sociologia. Segundo, elas fizeram com que suas reflexões sobre a reconstrução social gravitassem, de maneira mais positiva, em torno de processos viáveis de alteração racional da personalidade, dos valores socioculturais e da ordem social. Daí sua importância para os estudiosos da obra de Mannheim e a necessidade de pôr em relevo suas consequências intelectuais menos discutíveis (FERNANDES, 1958, p. 114; grifos meus).

A partir de preocupações de pesquisa, e buscando respostas para seus problemas de estudo, Mannheim começou a se aproximar da psicologia, da psicologia social e da sociologia, além de abordar processos de alteração de personalidade, de valores socioculturais e de ordem social. Ou seja, estabeleceu o conhecer e a ciência como possibilidade de manipulação, partiu para uma dimensão de formação de personalidade (CALIARI, 2023). No que ficou conhecido como sociologia do conhecimento, Mannheim colocou a política como central empregando o sincretismo teórico para afirmar suas ideias, asseveradas pela escolha metodológica. Assim, ele traçou um caminho que colocava as ciências a serviço do avanço do sistema capitalista, acabando com a verdade objetiva.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

A moderna sociologia ocidental se desenvolve sempre mais na direção de uma teoria geral da manipulação socialmente consciente das massas. Já há trinta anos Karl Mannheim tentou conceber um método científico com esse propósito; significativamente considerou elementos estruturais dessa nova ciência o pragmatismo, o behaviorismo, e a psicologia profunda. É digno de nota que Mannheim, ao aqui buscar uma contraforça do mundo democrático oposta à influência de massa fascista, chame atenção para traços metodológicos relacionados entre teorias behavioristas e traços fascistas (LUKÁCS, 2018a, p. 344).

Sobre as produções de Mannheim, tanto as que publicou em vida quanto as póstumas, editadas graças às contribuições e ao empenho de sua esposa Julia Mannheim, elas “[...] lançam poderosa luz sobre as preocupações centrais, que nortearam a evolução do pensamento de Mannheim, e sobre a significação de sua obra na renovação das tendências pragmatistas na sociologia” (FERNANDES, 1958, p. 97). Nas palavras de Fernandes (1958, p. 96):

Com a morte de Karl Mannheim, ocorrida em 1947, a sociologia perdeu uma de suas principais figuras do segundo quartel do presente século [XX]. A obra científica desse sociólogo infatigável e fecundo só pode encontrar paralelos nas contribuições dos grandes investigadores do passado, de Comte, Marx e Spencer a Tönnies, Durkheim e Max Weber [...].

O sociólogo brasileiro analisou quatro obras póstumas de Mannheim (*Liberdade, poder e planejamento democrático; Ensaio de sociologia do conhecimento; Ensaio de sociologia e psicologia social; e Ensaio de sociologia e cultura*), concluindo: “Quanto à evolução de seu pensamento, verifica-se que ele apresenta substancial unidade de propósitos, apesar da assimilação contínua das mais variadas influências intelectuais, especialmente no setor das ciências sociais” (FERNANDES, 1958, p. 97).

Todo esse percurso em torno da obra mannheimiana feito até aqui reafirma a sua importância sociológica e explica-se pelo fato de ser, hoje, o autor tradicional mais evocado pelos estudos sobre gerações, em alguns casos nomeando-o inclusive como um autor do campo crítico. Portanto, entender brevemente como Mannheim desenvolveu suas pesquisas e qual é o seu legado contribui para compreender também suas ideias no campo que nos interessa. Como precursor da teoria das gerações, o sociólogo húngaro buscou entender algumas questões que se colocavam no debate a seu tempo, como educação, tendo, para tanto, desenvolvido seu próprio método, referenciado em um conglomerado epistemológico (CALIARI, 2023). Para o autor, o sujeito e as idades assumem diferentes significados a depender da sociedade: “Há sociedades em que pessoas mais velhas desfrutam prestígio bem maior que as mais moças, como, por exemplo, na antiga China. Há outras em que, como nos Estados Unidos



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

da América, depois dos 40 anos, muitas vezes, um homem é considerado velho demais para um emprego e só os moços interessam” (MANNHEIM, 1968, p. 71).

Ao invés de afirmar que existe um caráter revitalizador próprio da juventude, como muitos autores fizeram, Mannheim introduz um sentido de mudança social possível pelas juventudes, como sujeitos revolucionários por si só, tendo a idade centralidade nessa afirmação, conforme expõe:

[...] a prenda mais importante da mocidade para ajudar a sociedade a dar nova saída é que, além de seu *maior espírito de aventura*, ela ainda não está completamente enredada no *status quo* da ordem social. (...) está provado que nas sociedades primitivas se desconhecem os conflitos mentais de nossa juventude, pois não há uma separação radical das normas ensinadas pela família e das que predominam no mundo dos adultos. (...) o fato relevante é que a juventude chega aos conflitos de nossa sociedade moderna vinda de fora. E é este fato que faz da juventude o pioneiro predestinado de qualquer mudança da sociedade (MANNHEIM, 1968, p. 73; grifos meus).

Aqui o autor deu indícios do potencial transformador das juventudes, o que faz com que ele seja reconhecido como um autor crítico por ter identificado essa possibilidade de mudança social presente nos sujeitos mais novos. Ou seja, ele afirma que como não estão disciplinados pelas normas sociais, ou completamente enredados nelas, as/os jovens acabavam tendo uma possibilidade de enxergar saídas, caminhos, brechas ante às questões que lhes eram apresentadas. Ao dar a conhecer, naquele momento, que a não adequação e o questionamento das regras podiam ser uma forma de construção do novo e não um desajustamento social, Mannheim ocupou um lugar diferenciado dos demais pensadores que estudaram geração em sua época (CALIARI, 2023).

Para Groppo (2017), o sociólogo húngaro aproximou o jovem da transformação social na medida em que, as juventudes possuíam características únicas, que as diferenciavam dos mais velhos, de olhar a sociedade sem amarras. Essa perspectiva rendeu diversas atualizações da sua teoria, que permanece como fonte de consultas e necessita de estudos aprofundados. Seus textos ainda têm poucas traduções para o português e algumas carregam deturpações de significado, se comparadas ao texto original.<sup>5</sup> Seja como for, a afirmativa manheimiana de existência de potencial de transformação próprio das juventudes, no entanto, não leva em consideração os limites que as sociedades mesmas criam para o desenvolvimento dos sujeitos mais jovens. A constituição da sociedade é um todo que envolve relações intergeracionais e a reprodução social se desenvolve no seio dessas relações e a partir dos

<sup>5</sup> Para ver as especificidades dessas traduções dos textos de Mannheim do alemão para o português e também ter acesso a uma atualização do conceito de gerações, consultar Wivian Weller, no artigo “A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim”, publicado na *Revista Sociedade e Estado* ([s.l.], v. 25, n. 2, maio/ago. 2010).





Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

limites também construídos por esse coletivo. São limites legais, regras sociais que acabam por reduzir e conduzir o campo de manobra e as escolhas das/dos jovens, inviabilizando em muito esse potencial transformador aparentemente constitutivo do ser (CALIARI, 2023).

Vale destacar aqui, como afirma Lukács (2020, 2018a, 2018b) a potência sem concretude é somente possibilidade de existência em si e não existência propriamente, é somente pensamento. Aliadas a outras tantas singularidades próprias da diversidade que configura o ser, como as questões de gênero, étnico, raciais, físicas, de capacidade, e como a sociedade lida com cada diferença, esse campo de manobra vai se tornando ainda mais reduzido, já que a questão das idades é subjacente a essas questões diversas. Evidente que não há determinismo aqui, que não pode haver, caso contrário, partimos de uma visão ideal e previsível do ser, de como vivem, de como conduzem a vida e como podem ser, o que em nada contribui para o avanço dos estudos sobre geração. Vale evocar Audre Lorde ao dizer que não há hierarquia na opressão<sup>6</sup>, mas há uma conjunção, uma interação entre elas e só há sentido na luta se ela for contra todas essas opressões, que tem sim um grande influência na determinabilidade da vida.

Por outro lado, quando mergulhamos no universo do proibicionismo, da posituação em torno da sociedade capitalista e do que “está dado”, a sensação do meio ser imutável prevalece diante da mudança. Ao mesmo tempo, Mannheim ressaltava a existência de dois mundos que, para ele, causavam a confusão mental nos sujeitos mais jovens: um criado pelas famílias e ensinado por meio de normas; o outro que predominava no universo público/privado adulto. Essa perspectiva abriu caminho para um debate ético que não se concretizou.

Para Octavio Ianni (1968), sociólogo brasileiro, o pensamento psicológico, privado, sobre a adolescência em Sigmund Freud dá origem à teoria manheimiana, sustentando-a e, portanto, sustentando também a própria sociologia da adolescência e da juventude. Segundo o pai da psicanálise, “[...] da puberdade em diante o indivíduo se devota à grande tarefa de libertar-se dos progenitores. E somente depois dessa separação ele deixa de ser uma criança, tornando-se um membro da comunidade” (FREUD, 1952 apud IANNI, 1968, p. 229). Até então, a tutela dos atos pela família e pela sociedade contribuem para formular restrições de todo tipo às possibilidades das/dos mais jovens de responder às questões da vida.<sup>7</sup>

Utilizando o pressuposto freudiano, Mannheim afirma: “O significado sociológico do deslocamento e da transferência (da libido) é muito importante, na medida que o deslocamento de motivos privados, de objetivos familiares, para objetivos públicos constitui a forma normal de

<sup>6</sup> LORDE, Audre. *Eu sou sua irmã: Escritos inéditos*. São Paulo: Editora UBU, 2020.

<sup>7</sup> Sobre isso, Lukács também realiza importante crítica, apresentada no texto “A psicologia das massas em Freud”. In: \_\_\_\_\_ . *Reviews and articles from Die Rote Fahne*. Tradução de P. Palmer. London: Merlin Press, 1983. p. 33-36.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

desenvolvimento do indivíduo” (apud IANNI, 1968, p. 230). Diante disso, Groppo (2017, p. 57) ressalta que o autor atribui características às idades da vida da seguinte forma: “[...] infantes com relação não consciente com os valores e realidades sociais, jovens experimentando este mundo como um livro aberto, contraditório e contestável, e adultos avaliando racionalmente os novos fatos com base nos padrões sedimentados em suas consciências”. Assim, a perspectiva mannheimiana descortina modos de vida que parecem sedimentados nas idades, expressando uma perspectiva ontológica deturpada, determinada, a apresentando como se ela fosse natural, não construída socialmente, correspondente à vida humana em diferentes idades. E isso, evidentemente, carrega um peso ideal muito grande, desvinculado da totalidade e que desconsidera a própria diversidade do humano. Apesar de não expressar que trata de questões ontológicas, fica permeado nas defesas de Mannheim um determinismo do humano, o que o engessa a uma ontologia depreciativa do ser, ou seja, reducionista.

Desse modo, segundo o próprio Mannheim ao escrever sobre a questão das gerações, elas foram traduzidas por dois grandes caminhos: o positivista e o histórico romântico. “O primeiro caminho viu o ideal na quantificação da problemática, buscava captar quantitativamente os dados básicos do ser homem. O outro procedia qualitativamente, renunciava à luz do dia das matemáticas e interiorizava o problema (MANNHEIM, 1993, p. 194; tradução minha)”.<sup>8</sup> O caminho positivista, portanto, o primeiro é subjugado pelo problema das gerações e postula que existe a vida e a morte, tendo a vida uma duração limitada e medível em gerações, que apresentam intervalos determinados, podendo até mesmo ser delimitados numericamente. É como se, ao definir as idades, todos os demais dados e questões na vida estivessem a elas condicionados. Ou seja, nesse entendimento há um fortalecimento da centralidade na idade. Ao positivista parece que nesse movimento entre as idades está o marco formal do destino. Caso essas interações por algum motivo desaparecessem, a própria configuração do ser homem como o conhecemos se dissiparia, assim como a cultura, as tradições, a criação.

Mannheim (1993) cita David Hume<sup>9</sup> para exemplificar essa relação entre as gerações, a partir de uma hipótese sobre a transição geracional. Para tanto, solicita imaginar se a geração mais velha desaparecesse por completo, e a nova também desaparecesse de uma só vez. Nessa hipótese seria possível alterar, por exemplo, a forma de governo e as leis, já que a memória popular viva desapareceria, restando apenas registros históricos. Mas ele alerta: se há

<sup>8</sup> No original em espanhol: “[...] el primer camino vio su ideal en la cuantificabilidad de la problemática; buscaba captar cuantitativamente los datos básicos del ser hombre. El outro procedia cualitativamente, renunciaba a la luz del dia de las matemáticas e interiorizaba el problema”.

<sup>9</sup> Para melhor compreender os pensamentos de Hume e Comte, consultar François Mentré, em *Les générations sociales*, Paris: Ed. Bossard, 1920.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

necessidade de preservar as formas de governo é porque a humanidade se apresenta numa “[...] configuração efetiva de sucessão geracional – como num fluxo contínuo de modo que cada vez que alguém morre, nasceu outro para substituí-lo” (MANNHEIM, 1993, p. 194).<sup>10</sup>

Auguste Comte também aborda a influência do tempo médio de vida dos homens e da transição geracional no ritmo do progresso. Para o sociólogo francês, “[...] ao produzir um alongamento da duração da vida do indivíduo, o ritmo do progresso diminuirá; enquanto, ao contrário, ao encurtá-la pela metade ou a um quarto da sua medida atual, aceleraria o ritmo do progresso” (COMTE apud MANNHEIM, 1993, p. 195; tradução minha)<sup>11</sup>. Para a perspectiva comteana, essa é uma correlação necessária ao organismo, que tem como princípio a duração média de 30 anos de uma geração, mas que considera também que o progresso lento da humanidade tem relação direta com essa limitação orgânica. Isso leva a entender que a explicação do ritmo do progresso, assim como a presença de forças conservadoras ou reformistas, é associada e reduzida, de maneira imediata, ao fato biológico, sendo ele.

Analisando esses elementos constantes do ser homem, do ritmo do progresso, o mistério da história fica mais facilmente decifrável para os positivistas, a partir de respostas fundadas em “[...] uma lei geral do ritmo da história, e de encontrá-la na base da lei biológica da limitada duração da vida do homem e do feito das idades e suas etapas” (MANNHEIM, 1993, p. 195). Ao acrescentar que o racionalismo positivo francês forma valiosos porta-vozes dessas questões – como “[...] Comte, Cournot, J. Dromel, Mentré e outros pensadores [...]” – o autor nos deu indícios de que realmente entendia como identificada a possibilidade de existência de uma lei geral da história, o que coloca sua contribuição num patamar determinista difícil de ser subsumido e entendido como próximo a dimensão de totalidade.

Já no que se refere a abordagem histórico-romântica sobre geração, pontuada anteriormente, Mannheim postula que a forma de pensar as questões mudam segundo países, épocas e, também, vontades políticas dominantes. Desse modo, ele tenta fazer uma leitura entre a Alemanha e a França, reforçando que nesta prevaleceu o pensamento positivista que serviu também de fundamento às leis do espírito. Mas a Alemanha já teria sido mais influenciadas pelo modelo histórico-romântico, tendo o positivismo aí atuado como corrente de oposição.

Assim, o problema das gerações também aparece como mais uma batalha dentro dessa

<sup>10</sup> No original: “[...] configuración efectiva de su sucesión de generaciones— como un continuo flujo, de modo que cada vez que alguien muere ya ha nacido otro para reemplazarle”.

<sup>11</sup> Texto original: “Al producirse un alargamiento de la duración de la vida del individuo, el tempo del progreso se ralentizaría; mientras que, por el contrario, un acortamiento de aquélla a la mitad o a un cuarto de su medida actual aceleraría el tiempo”.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

guerra de vasto alcance: se elas estão isoladas dessa conexão principal, essa distinção e diversidade que predominam entre a abordagem positivista francesa e a abordagem romântica alemã, que se refere ao problema da geração, não pode ser entendido de forma alguma (MANNHEIM, 1993, p. 198; tradução minha).<sup>12</sup>

Para os liberais franceses positivistas, num conceito mecanicista, “[...] o problema das gerações é quase sempre uma prova da concepção retilínea do progresso” (MANNHEIM, 1993, p. 198; tradução minha)<sup>13</sup>. O que é questionado pelo pensamento romântico alemão é a necessidade de uma oposição à linearidade do problema das gerações, desse fluxo temporal da história, Mannheim afirma que: “Dessa forma, o problema geracional torna-se o problema da existência de um tempo interior não mensurável, e isso só pode ser entendido como algo puramente qualitativo”<sup>14</sup> (MANNHEIM, 1993, p. 199; tradução minha).

No entanto, fica aqui uma questão fundamental que é a concreta objetividade do tempo usurpado ao ser que não vive em plenitude determinado momento da vida, que sim é medível, sendo ele configurado socialmente no que chamamos de infâncias, adolescências, juventudes ou velhices. Esse tempo de vida quase sempre não alcança a plenitude por impedimentos sociais, opressões, restrições de classe, de todo tipo. Muito dele é devorado no processo de trabalho, quando o sujeito é útil a ele. Portanto, o tempo é insuprimível, a história é insuprimível e ela é o que estamos coletivamente fazendo ou não dela, aceitando ou rompendo, dia após dia, no espaço do cotidiano. Aqui a reprodução social ganha um peso, porque são nessas relações entre uns e outros sujeitos e conexões que construímos o hoje, aceitamos ou rejeitamos o que já está posto, ou seja, construímos a partir de bases pré estabelecidas. No meio disso temos ainda o avanço científico e tecnológico que tem impactado consideravelmente nas relações entre os sujeitos e na apropriação da experiência, que coloca a relação entre as gerações num novo lugar.

Conforme apontado por Lukács (2018b, p. 120), entender a complexidade do tempo no ser social “[...] imediatamente parece ser uma relação de caráter biológico. Em realidade, o idoso deve sua posição de autoridade às experiências acumuladas em uma vida mais longa”. Então, ao contrário de puramente biológico, o ser é também social. Essa relação de autoridade dos idosos fundada culturalmente e ontologicamente possível dado o acúmulo das experiências vivenciadas;

<sup>12</sup> No original: “*De modo que el problema de las generaciones también aparece como una batalla más dentro de esa guerra de vasto alcance. Si se aislan de esa conexión principal, esa distinción y esa diversidad que predominan entre el planteamiento positivista francés y el planteamiento romántico alemán, en lo que se refiere a la problemática de la generación, no pueden entenderse en absoluto*”.

<sup>13</sup> Texto original: “[...] el problema de las generaciones es casi siempre una prueba de la concepción rectilínea del progreso”.

<sup>14</sup> No original: “[...] el problema generacional se transforma en el problema de la existencia de un tiempo interior no mensurable y que sólo se puede comprender como algo puramente cualitativo”.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

contudo, ela pode ser questionada no lastro de uma ampliação de generalizações, que favoreceriam questões e problemas de outro tipo<sup>15</sup>. Isso porque, “[...] na medida em que as experiências socialmente decisivas (...) tornam-se deduzidas de generalizações, desaparece cada vez mais a posição de monopólio dos idosos” (LUKÁCS, 2018b, p. 120). Ou seja, a transmissão de experiência e conhecimento tem novos contornos na sociedade contemporânea e há a necessidade de compreender melhor as consequências disso pra própria reprodução social.

Dilthey afirma que a contemporaneidade cobra um sentido mais profundo que o meramente cronológico, nascendo daí um problema qualitativo: “[...] a distância da geração é transformada em tempo experiencial interior e a contemporaneidade da geração em um ser interior identicamente determinado”<sup>16</sup> (apud MANNHEIM, 1993, p. 200). As formulações de Dilthey estão próximas às do fenomenólogo Heidegger e da adesão qualitativa ao destino coletivo, que não é uma junção de “[...] destinos individuais, que já são traçados individualmente no ‘estar uns com os outros’ no mesmo mundo e na mesma situação de fechamento diante de certas possibilidades. O poder do “destino coletivo” é liberado antes de tudo na comunicação e na luta.” (MANNHEIM, 1993, p. 200)<sup>17</sup>

Das mesmas raízes de Dilthey, partindo do conceito qualitativo de tempo, o historiador da arte Wilhelm Pinder apropriou-se do romantismo ao afirmar: “Várias gerações vivem no mesmo tempo cronológico. Mas como o único tempo verdadeiro é o tempo experiencial, pode-se dizer que todos vivem em um tempo interior que, qualitativamente, é totalmente diferente dos outros<sup>18</sup>” (apud MANNHEIM, 1993, p. 200; tradução minha). Um segundo pensamento desse autor postula que cada geração contribui numa entelúquia<sup>19</sup> própria. Ou seja, Pinder associa a unidade do estilo de arte à unidade identificada na geração, a uma afinidade própria de todos que compartilham o mesmo tempo-espaco. Isso porque, para ele, a unidade de uma época não tem nenhum impulso para dinamizá-la. A corrente

---

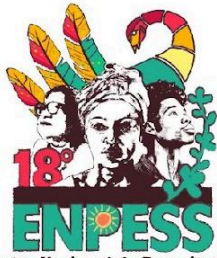
<sup>15</sup> Para aprofundar o problema da generalização no cotidiano, consultar Netto e Carvalho, em *Cotidiano: conhecimento e crítica* (2011), também Yolanda Guerra, no artigo “O projeto profissional crítico: estratégias de enfrentamento das condições contemporâneas da prática profissional”, publicado na revista *Serviço Social & Sociedade*, [s.l.], v. 28, n.91, p. 5-33, set. 2007.

<sup>16</sup> Texto original: “[...] la distancia de la generación se transforma em tiempo interior vivenciable, y la contemporaneidad de la generación en un ser interior idénticamente determinado”.

<sup>17</sup> No original: “Los ‘destinos individuales’ están ya trazados individualmente en el ‘ser uno con o’tro’ en el mismo mundo y en la misma situación de clausura ante determinadas posibilidades. El poder del ‘destino colectivo’ se libera ante todo en la comunicación y en la lucha” (tradução minha).

<sup>18</sup> Texto original: “Varias generaciones viven en el mismo tiempo cronológico. Pero como el único tiempo verdadero es el tiempo vivencial, se puede decir propiamente que todas viven en un tiempo interior que en lo cualitativo es plenamente diferente a los otros”.

<sup>19</sup> Termo trazado da história da arte, a entelúquia de uma geração é “[...] a expressão da unidade de seu ‘objetivo íntimo’, expressão de um sentimento nativo da vida e do mundo” (PINDER apud MANNHEIM, 1993, p. 200; tradução minha).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

romântica alemã esconde completamente o fato de que entre as esferas natural e a espiritual existe o plano das forças sociais formativas. Nessa corrente, portanto, a dimensão de totalidade é negada. Mannheim (1993, p. 205; tradução minha) acrescentou que o problema das gerações seguia como fecundo para pesquisa, só podendo “[...] ser resolvido com uma adequada cooperação das diversas disciplinas e nações”<sup>20</sup>. Somado ao problema das gerações, o sociólogo deixou evidente uma outra questão que aparece em diversos momentos do texto: sua preocupação com o ritmo da história, que perpassa a geração. “Embora não saibamos, também pode haver um ritmo secular na história e talvez um dia o homem venha a conhecê-lo. Mas devemos resistir a conhecê-lo por um caminho de especulação imaginativa”<sup>21</sup> (MANNHEIM, 1993, p. 204; tradução minha). Na obra sobre gerações, o sociólogo húngaro apresenta uma tentativa de generalizar, universalizar as características aparente e socialmente visíveis em determinados ciclos da vida, numa tentativa de identificar padrões, mas ainda segue com o problema em aberto. Essa generalização, contudo, não favorece os entendimentos ontológicos essenciais, contribuindo tão somente para criar e consolidar precondições de vivência, engessamento. Segundo Mannheim, a juventude tem potencial de transformação, porém os adultos questionam esse potencial a partir dos seus valores já consolidados. Essa explicação equipara-se a uma engrenagem que move o motor da história, numa espécie de sistema que estabelece procedimentos de transmissão ou de quebra de valores. Apesar da metodologia que usou para realizar seus estudos e das bases epistemológicas que não contribuíram para um olhar de aproximação à totalidade, há de se levar em consideração a tentativa mannheimiana de buscar um padrão para as ciências sociais. E isso, para Fernandes (1958, p. 97), deve ser destacado:

[...] coube-lhe o mérito de demonstrar que a explicação científica, nas ciências sociais, exige um padrão de trabalho intelectual capaz de relacionar, organicamente, a investigação empírica, a elaboração teórica e a reflexão prática. Por isso, tornou-se o primeiro representante de uma nova orientação positiva nas ciências sociais, que insiste na preeminência dos problemas de *ciência aplicada* como foco regulador dos desenvolvimentos empíricos e teóricos da investigação científica.

Ao relatar a importância do método nas ciências sociais Fernandes, o sociólogo brasileiro, chama atenção para a necessária correlação entre história, teoria e método. Exatamente como nos requisita o materialismo histórico e dialético, também como foi defendido por Mannheim, é aqui a chave para compreender que o caminho trilhado por Mannheim para elucidar questões

<sup>20</sup> No original: “[...] un problema tan vasto como éste sólo puede resolverse con una adecuada cooperación de las diversas disciplinas y naciones”.

<sup>21</sup> Texto original: “Aunque no lo sepamos, quizá haya también un ritmo secular en la historia y tal vez un día el hombre llegue a conocerlo. Pero debemos resistirnos a llegar a saberlo por un camino de especulación imaginativa”.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

referente às gerações precisa de muito fôlego e de trabalho das ciências sociais aplicadas. Esse trabalho precisa seguir a dinâmica de se tornar aproximado ao que o tempo realmente significa na vida do ser genérico, e também nas suas singularidades e na configuração das sociedades, sem minimalismos e determinismos de lei geral da história, mas concretamente compreendendo o que significa a usurpação do tempo para o ser a partir da crítica da economia política, que impacta direta e diariamente na vida de crianças, adolescentes, jovens e velhos no Brasil e para além dele.

### Considerações finais

Ao longo deste breve ensaio buscamos trazer inquietudes no trato do que tem sido chamado conceito de geração buscando a partir do resgate de autores consagrados como Karl Mannheim compreender a formulação teórica nas ciências sociais aplicadas em torno do que ela significa, à luz da crítica da economia política, ou seja, sem deixar de compreender que esse tempo de vida em sociedade, ou mesmo o tempo singular, que tem sido chamado de geração, tem questões objetivas que interagem com aspectos sociais, culturais e econômicos que a impactam, e também que movem a reprodução da sociedade, na interação entre os sujeitos. Ou seja, a idade, o tempo como um marcador social, é uma entre tantas singularidades, e é finita, como a vida é finita. Por esse motivo é somente por meio da crítica da economia política no trato das idades que é possível encontrar caminhos e descaminhos, no que tem sido convencionalmente compreendido refere à vidas de crianças, adolescentes, jovens e velhos, que quando ditos produtivos ou improdutivos são extremamente explorados e ou descartados socialmente, a depender unicamente do interesse da produção de valores, numa sociedade que o consumo e o mercado ganham destaque na comparação à vida vivida plenamente, em sua diversidade.

O que deixamos de ponto final nesse ensaio é caracterizado apenas como o começo das inquietações e indagações coletivas que têm surgido área de serviço social, que tem pautado diálogos junto ao GTP Serviço Social, Geração e Classe Social e também no projeto de pesquisa universal intitulado *Serviço Social, Geração e Classes Sociais: Produção do Conhecimento, Formação e Trabalho Profissional na perspectiva da Garantia de direitos para Infâncias, adolescências, juventudes e velhices*.

### Referências

CALIARI, Hingridy Fassarella. As contribuições da ontologia de Lukács e da decadência ideológica para entender as bases de sustentação dos estudos sobre Juventude. In: 7º Encontro Internacional de Política Social E 14º Encontro Nacional de Política Social – Contrarreformas ou revolução: respostas ao capitalismo em crise. **Anais...** Vitória, 2019.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

\_\_\_\_\_. A diversidade, as idades, as gerações: das especializações medíocres aos estudos necessários para a Sociologia da Juventude. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, v. 146(1), p. 284-304, 2023.

FERNANDES, Florestan. As publicações póstumas de Karl Mannheim. **Revista Brasileira Estudos Políticos**, [s.l.], n. 96, 1958.

GROPPO, L. A. **Introdução à sociologia da juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

IANNI, O. O jovem radical. In: BRITO, S. (org.). **Sociologia da juventude**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968. p. 225-242. v. 1.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo, 2012. v. I.

\_\_\_\_\_. **Prolegômenos e para ontologia do ser social**. Maceió: Coletivo Veredas, 2018a. v. 13.

\_\_\_\_\_. **Para a ontologia do ser social**. Maceió: Coletivo Veredas, 2018b. v. 14.

\_\_\_\_\_. **A destruição da razão**. São Paulo: Instituto Lukács, 2020.

MANNHEIM, K. O pensamento conservador. **Essays on Sociology and Social Psychology** (cap II: "Conservative Thought"). Trad. S. Lyra. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1959. p. 74-119.

\_\_\_\_\_. El problema de las generaciones. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas-REIS**, [s.l.], n. 62, p. 1930242, 1993.

\_\_\_\_\_. O problema da juventude na sociedade moderna. In: MARX, K. et al. **Sociologia da juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. v. I.

MESZÁROS, István. **Estrutura social e formas de consciência: a determinação social do método**. Trad. L. Pudenzi; F. R. Cornejo; P. C. Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2009

MARINI, Ruy Mauro. Dialética da Dependência. In: **Revista Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 9, n. 3, p. 325-356, dez. 2017.

LÖWY, M. **Karl Mannheim and Georg Lukács: the lost heritage of heretical historicism**. Disponível em: <<http://www.inco.hu/inco13/filo/cikk13h.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2021. ABEPSS. **Relatório do Grupo Temático de Pesquisa Serviço Social, Geração e Classes Sociais**, da Abpess, Biênio 2016-2018. Coordenação: Profa. Dra. Gláucia Russo (UERN) – ênfase infância e adolescência; Prof. Dr. Rodrigo Silva Lima (UFF) – ênfase juventude; Profa. Dra. Cenira Andrade de Oliveira (UFES) – ênfase envelhecimento. Coordenação ampliada: Profa. Dra. Maria das Graças Cunha Gomes (UFES) – ênfase envelhecimento. Vitória, 2018.

SÁRKÖZI, Mátyás. The influence on Georg Lukács on the young Karl Mannheim in the light of a Newly Discovered Diary. **The Slavonic and East European Review: SEER**, vol. 64, Nº3, July.





Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

1986, p. 432-439. Disponível em:  
<[https://www.jstor.org/stable/pdf/4209315.pdf?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/pdf/4209315.pdf?seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em: 1  
mar. 2021.

SHERER, G. A. et al. Crise e questão social: rebatimentos para infâncias, adolescências,  
juventudes e envelhecimentos. **Temporalis**, Brasília, ano 21, n. 42, p. 320-334, jul./dez. 2021.